





R

ANTES

D

  
4ª EDIÇÃO

O

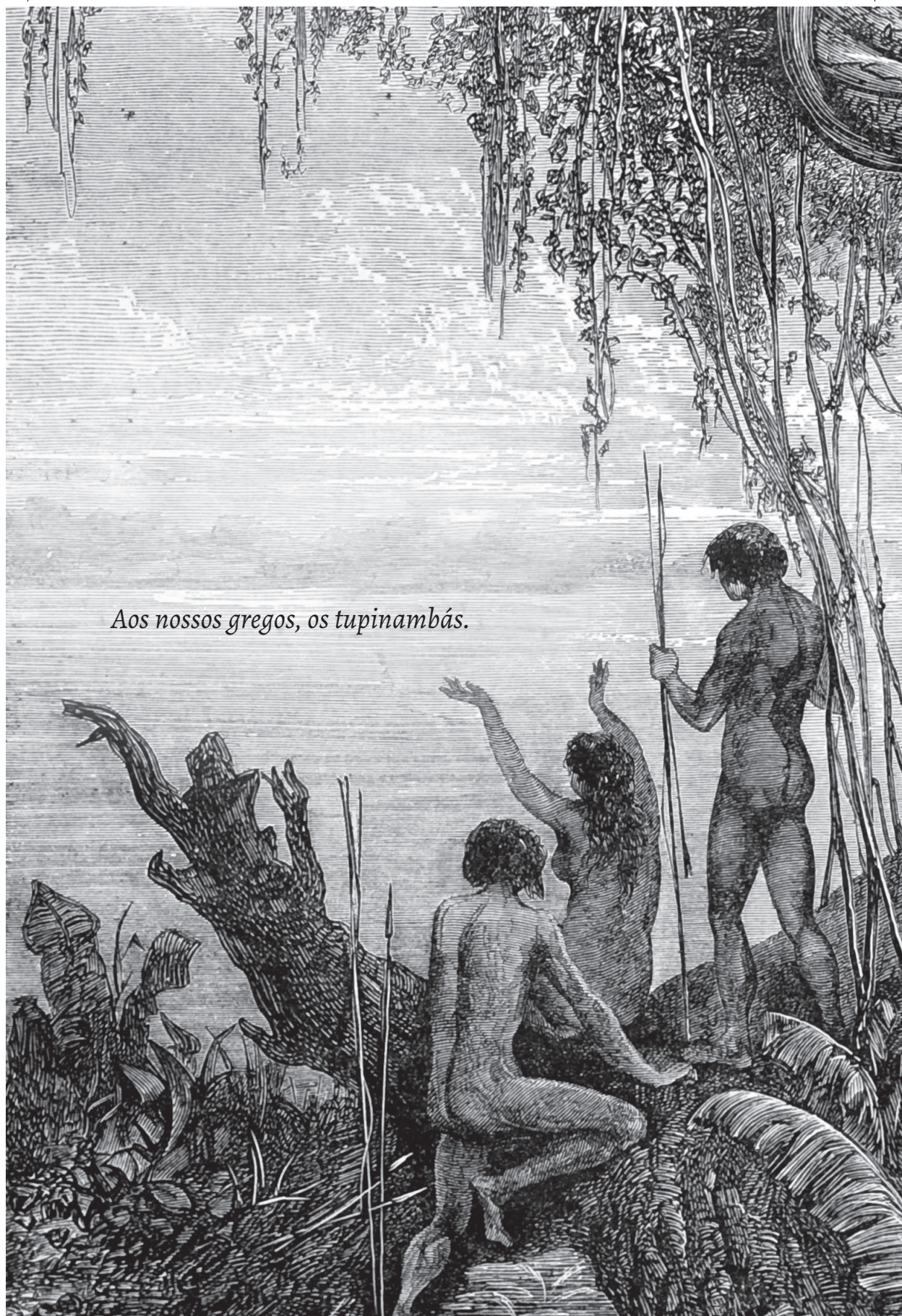
# RIO



**RAFAEL  
FREITAS DA  
SILVA**

*A Guanabara Tupinambá e suas aldeias ancestrais, a história do primeiro carioca e dos exploradores, conquistadores e moradores pioneiros, a disputa entre portugueses e franceses, a guerra contra os nativos e as batalhas que marcaram a fundação do Rio de Janeiro*





*Aos nossos gregos, os tupinambás.*



# SUMÁRIO



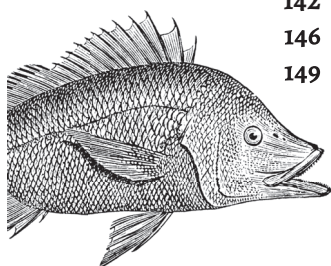
- 10 **APRESENTAÇÃO**  
14 **APRESENTAÇÃO À 4ª EDIÇÃO**

16 **CAPÍTULO 1**  
**NO TEMPO DE MAÍRAMÛANA**  
*O nascimento do karióka*

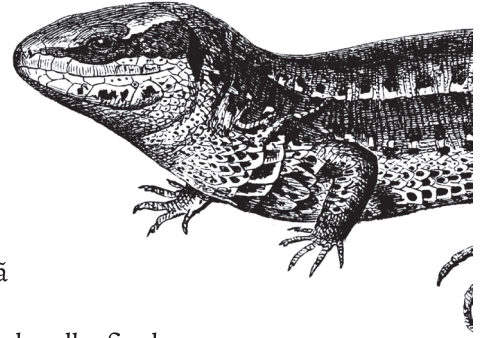
- 18 *Em nome do filho, dos pais e do karaíba*  
23 *As unhas, garras e dentes de Urapaçã*  
29 *A festa tupinambá do kaũĩ*  
37 *Em busca da “terra sem males”: O Gûatupîá da Guanabara*  
43 *O menino do beicho furado*  
49 *De menina a moça tupinambá*  
51 *As provas e as armas do kunumĩuasú*  
57 *O conselho dos morubixabas e os preparativos para a guerra*  
60 *A expedição dos sonhos*  
65 *De Urapaçã a Uruçumirĩ*  
81 *O tupinambá na intimidade e o casamento de Uruçumirĩ*

92 **CAPÍTULO 2**  
**AS TABAS DA BAÍA DE GUANABARA**  
*Tabas, malocas e pessoas*

- 103 *Na costa do lado esquerdo*  
103 *Karióka, a casa dos Cariós*  
109 *Gûyragûasu’unaê, a aldeia da harpia*  
115 *Jabebiracica, “a aldeia maracanã”*  
123 *Eirámirĩ, abelha miúda guerreira, a aldeia de Manguinhos*  
129 *Pirakãiopã, a tapera de Bonsucesso*  
133 *Piráúasu, a taba do peixe grande*  
137 *Eiraíá, o mel do Rio de Janeiro*  
142 *Itanã, a misteriosa pedra tupinambá*  
146 *Tarakuirapã, “a lagartixa veloz”*  
149 *Sarapoy, a taba do rio das Enguias*



- 153 *Tabas no interior da Baía de Guanabara – lado esquerdo (Rio de Janeiro)*
- 153 Takûarusutyba e o engenho da Taquara
- 164 Okarantĩ, a bela aldeia do grande terreiro
- 171 Sapopéma, raiz da Guanabara
- 174 Kotyuá, a armadilha tupinambá
- 179 O enigma de Tantimã
- 183 No canto do Payó
- 188 Sarigûê a postos para a batalha
- 192 Îacutinga, a taba desaparecida
- 196 O cabeça Nurukuy
- 198 *Na Ilha do Governador*
- 198 Os maracajás da ilha de Paranãpuã
- 204 Pindobuçú, o grande
- 210 Koruké, os guerreiros cocorocas na batalha final
- 212 O implacável Pirabiju
- 216 Jequeí, a aldeia de apanhar peixe
- 218 Paranapucu, o filho de Pindobuçú
- 220 *Do outro lado da baía*
- 222 Na margem direita
- 222 *A Keriy no Saco de São Francisco*
- 224 Akaray, a taba de Niterói
- 225 Morgujá-uasú, a taba mais gostosa
- 228 Kurumuré, a aldeia da tainha
- 231 *A Itaóka de São Gonçalo*
- 232 *Joiraruanã, a aldeia das rãs*
- 235 *No interior da margem direita*
- 235 Arasatyba de São Gonçalo
- 240 A Ysopotyba de Itaboraí
- 243 *Outras aldeias do lado direito da baía: As 14 aldeias até o Cabo Frio*
- 253 *Aldeias da Baía de Sepetiba: Sapéagoera, Sepetiba, Guaratiba e Gerussaba*
- 257 *No fundo da Baía: As 12 aldeias do rio Iguaçu, Inhomirĩ e Guapimirĩ*
- 264 *As outras 12 aldeias perdidas de José de Anchieta*



276 **CAPÍTULO 3**  
**NO TEMPO DO KARAIUBÊ**

**1500**

277 *Pedro não descobriu o Rio*

**1501-1502**

280 *Um italiano no Rio*

**1503-1504**

289 *A feitoria de Vespúcio na ilha de Paranãpuã*

294 *A esperança francesa*

**1505-1512**

301 *Os primeiros negócios*

305 *A nau Bretoa no Rio de Janeiro*

**1513-1521**

310 *As visitas à Guanabara*

313 *João Lopes Carvalho volta ao Rio*

316 *A grande viagem do primeiro carioca*

**1521-1529**

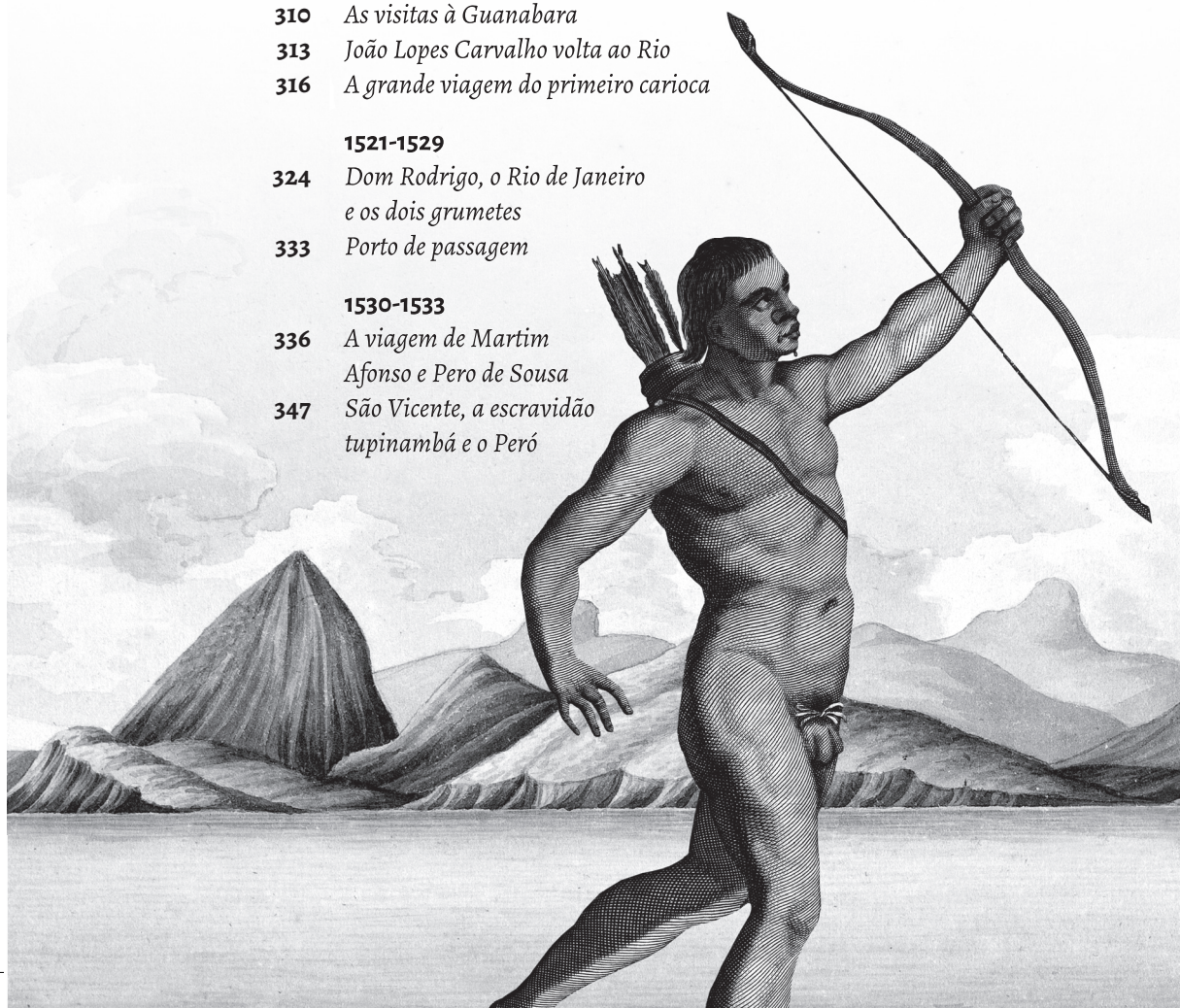
324 *Dom Rodrigo, o Rio de Janeiro e os dois grumetes*

333 *Porto de passagem*

**1530-1533**

336 *A viagem de Martim Afonso e Pero de Sousa*

347 *São Vicente, a escravidão tupinambá e o Perú*





352 **CAPÍTULO 4**  
**A MARÃNA-UASÚ**  
A “GRANDE GUERRA”

**1532-1549**

- 353 *Portugal e França disputam o Brasil*  
357 *Os franceses no Rio de Janeiro*  
361 *A reação dos nativos*

**1550-1555**

- 364 *Pero de Góis patrulha a Guanabara*  
366 *A presença francesa se intensifica na Guanabara*  
368 *A festa tupinambá de Rouen*  
372 *A captura de Hans Staden*  
376 *Um alemão entre os tupinambás*  
386 *Hans Staden no Rio de Janeiro*  
388 *Os maracajás pedem socorro*

**1555-1560**

- 391 *A expedição de Villegagnon*  
395 *A chegada dos colonos da França Antártica*  
400 *A epidemia e a revolta dos truchements*  
404 *A inércia portuguesa*  
406 *Os colonos de Genebra*  
410 *Crise religiosa na Guanabara*  
418 *Mem de Sá e a destruição do forte Coligny*

**1561-1564**

- 428 *A Confederação dos Tamuïas e o ataque a Piratininga*  
433 *O Tratado de Paz de Iperoig*  
441 *Estácio na Guanabara*

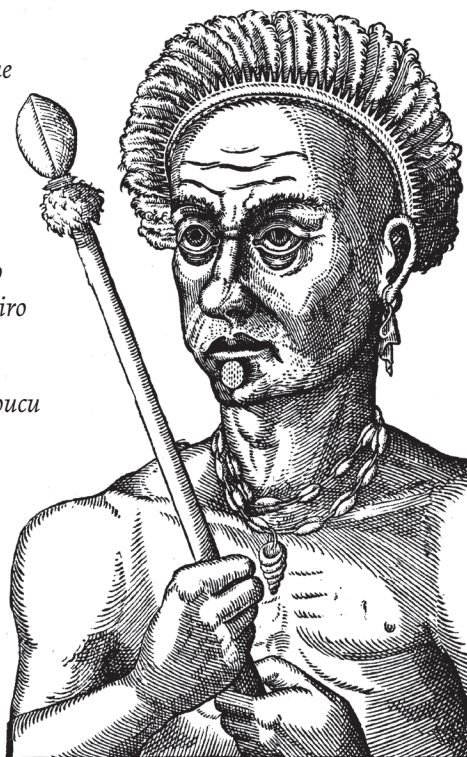
**1565-1566**

- 443 *A fundação da cidade de São Sebastião e o começo da conquista do Rio de Janeiro*

**1567**

- 454 *As batalhas de Uruçumirim e Paranapucu*

- 463 **REFERÊNCIAS**  
465 **ÍNDICE**  
467 **AGRADECIMENTOS**





# APRESENTAÇÃO

**L**embro-me de um dos meus brinquedos favoritos quando tinha apenas 5 anos de idade. Era uma minitarrafa com que acompanhava meu pai em suas pescarias pelas praias do Rio. Ele, com sua grande tarrafa de 25 quilos, e eu, com a minha de 3 quilos. Mesmo com aquela pequena rede que totalmente aberta não passava do diâmetro de uma mesa redonda qualquer, conseguia capturar paratis, cardumes de sardinha, tainhas, cocorocas, pampos e siris. Jogava a rede sobre as ondas e era engolfado por elas, depois voltava para areia a puxá-la e sempre vinha alguma presa, com a qual me sentia um exímio pescador, quanto maior fosse o prêmio. Era a fartura do Rio de Janeiro que se apresentava a um carioca e que ainda hoje transparece àqueles que sabem devidamente como procurá-la.

Mas essa fartura sempre foi assim? Esse pensamento me perseguia desde a infância, em que pescava tropegamente com minha rede de brinquedo. Pensava no decorrer dos anos enquanto “pegava jacaré” nas ondas do Leme a Barra da Tijuca, ou quando apreciava a vista incomum do litoral da Zona Norte do prédio em que morava na Tijuca, que, se o Rio já era incrível no meu tempo, seria ainda mais inacreditável na época dos índios. Um tempo em que a poluição não reinava, os bichos não tinham sido exterminados e tudo era intocado. Os peixes deviam vir à mão nessa enorme maternidade de baleias que era a Baía de Guanabara.

Nessa curiosidade que só aumentava com o passar os anos, procurava fuçar nos livros de história como era o Rio de Janeiro de antes dos portugueses, que povo habitava essas terras, como viviam. Entretanto, quem da mesma forma buscar essas informações vai descobrir que a história da cidade, na maioria das vezes, é contada a partir de sua fundação, em 1565. Esse é o ano zero do Rio; antes dele havia até então escassas informações sobre seus habitantes, que tentaram resistir a uma ocupação considerada inexorável. A história carioca é contada pelos portugueses e começa com a chegada deles. Os nativos são tratados mais como um empeci-

..... Contrato entre  
..... tupinambás e  
..... franceses

lho ao desenvolvimento do que como profundos conhecedores de uma terra prodigiosa.

Este livro narra a busca de uma história esquecida, de relíquias e pistas documentais. Este trabalho parte principalmente de uma constatação de que muito pouco se sabe sobre as origens da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo o caso de certos nomes que pronunciamos com gosto como se fossem a personificação das qualidades de nossa terra, mas que se ignoram completamente seus significados e como foram formados. Algumas das dezenas de aldeias que fervilhavam na cidade – então formada por uma sociedade complexa e solidária – deram origem, pasmem, a nomes de bairros e, hoje, ainda são desconhecidas da população.

*O Rio antes do Rio* é uma tentativa de narrar a história sob o ponto de vista dos “vencidos”, porque dos “vencedores” já conhecemos. Foram os portugueses que produziram a maior parte das fontes mais acessíveis, são seus próceres que contam a história de uma baía que conheceram como conquistadores. Contudo, o que antes parecia impossível, hoje já se pode remontar, pelo menos em parte, esse passado obscuro de um Rio “prematuro”, que já existia antes mesmo da fundação da cidade. Para tanto, é preciso um exercício de reportagem que dê conta de revisitar as obras dos franceses que aqui estiveram antes dos lusos, de pôr em evidência certas passagens reveladoras de textos jesuítas, e de juntar a isso o conhecimento das modernas pesquisas sobre as antigas toponímias do Rio de Janeiro que tanto avançaram nos últimos anos.

Convido o leitor a embarcar num túnel do tempo a uma época em que morar na Guanabara significava não só pescar e caçar, mas também ser um guerreiro. Viver para a glória heroica contra os inimigos, em busca de um lugar no paraíso eterno. Confiar nos desígnios dos *karaíbas* e dos *marakás*, remar em busca dos *piraiques*, lambuzar-se de *eirá*, criar armadilhas para onças e espreitar as águias.

Dividido em quatro capítulos, o livro conta a saga dos tupinambás, do nascimento de um carioca nativo e todas as etapas de sua vida até a maturidade, passando pela descrição das mais de oitenta tabas da Guanabara e tudo o que passaram até a batalha final contra os portugueses liderados por Estácio de Sá. Como era a vida de um homem e de uma mulher no Rio de Janeiro dos rios de águas cristalinas e das florestas que avançavam sobre o mar? O que se sabe sobre as aldeias e os *morubixabas*, os caciques que “governavam” a Guanabara quando os europeus chegaram? Para tan-

to é preciso considerar o Rio de Janeiro não nos limites da cidade de hoje, mas sim na sua composição indígena, muito mais extensa – transbordava para a Baixada Fluminense, baía de Sepetiba e municípios localizados no caminho para a Região dos Lagos.

Este livro foi escrito em muitos lugares: dos Lençóis Maranhenses ao interior de São Paulo, passando por um hotel em Amsterdã, ouvindo os sons das mesquitas de Sarajevo, nas madrugadas frias de Atenas, Istambul e Porto Alegre, num voo para Foz do Iguaçu, numa noite em Florianópolis e em várias no Amapá, e tantos outros lugares que já não me lembro. Em todas essas viagens eu só pensava no Rio de Janeiro e suas origens. Em cada decolagem do Santos Dumont ou do Galeão, via do alto os contornos da terra, o mar, o percurso dos rios, as praias, e imaginava ver ali a fumaça que subia das dezenas de aldeias, clareiras dentro de uma floresta espetacular.

Um misterioso sentimento de urgência tomava conta de mim, era preciso revelar os segredos descobertos durante os anos de pesquisa, na busca incessante daquela curiosidade cultivada desde os tempos da tarrafinha de brincar.

Antes de partirmos para *O Rio antes do Rio*, é preciso atentar para uma informação incontestável: um Rio de Janeiro teve que acabar para que outro pudesse surgir.

# APRESENTAÇÃO

## À 4ª EDIÇÃO

**E**ste livro foi lançado em dezembro de 2015, no último mês das comemorações dos 450 anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro. Quando este exemplar chegar às suas mãos, ao menos quatro anos terão se passado desde sua publicação original. Antes do lançamento desta nova edição, *O Rio antes do Rio* teve esgotadas três edições anteriores. Em todas essas oportunidades de novas impressões, eu reli e vasculhei todas as páginas que compõem essa releitura da história brasileira a partir das origens ancestrais do povo tupi e tupinambá, gênese da nossa pátria guanabarina e personalidade carioca. Creio hoje ter cumprido a missão de tornar referência no tema esta obra, que nasceu da ideia de lançar luz às informações e descobertas que eu havia feito em anos de pesquisa sobre as dezenas de aldeias que compunham o Rio mais antigo de que temos notícia e que deu nome a bairros da cidade, para quem busca reflexões embasadas sobre a história mais antiga da terra em que vive.

Esta 4ª edição vem com conteúdo ainda mais aprimorado. Desde o lançamento, sigo aberto a descobertas (como a localização de Jabebiracica) e a informações relevantes sobre os “temas antigos” da Guanabara, ou mesmo a argumentos que possam surgir de outros lugares. Também para a pesquisa do meu novo livro, o perfil biográfico de *Arariboia*, precisei avançar em pontos que não estavam tão bem esmiuçados nas edições anteriores, por exemplo em relação aos maracajás. Também foi incluído um novo mapa geral das aldeias tupinambás de que sempre senti falta – esse mapa será de grande ajuda para se ter a visão total das principais aldeias da Guanabara.

Livro realmente é algo vivo, que se multiplica a cada vez que alguém o lê, que passa de um para o outro e que respira quando alguém conta para outro de algo que leu. Este livro é dos leitores que sonham com ele e viajam até os anos Quinhentos do paraíso guerreiro da Guanabara. Livro bom é livro amassado, dobrado, todo anotado – como muitos me trouxeram para assinar. Por isso, ele também me fez viver ainda mais e ter o prazer de falar para diversas turmas de alunos de ensino fundamental e médio, universidades, livrarias, bibliotecas, museus, centros culturais, feiras e festas lite-

rárias, parques, cursos de história e ciências humanas, passeios de barco na foz da Guanabara, escolas de samba, praças públicas, cultos afro-ameríndios, autores incríveis e amigos tupinambás do passado.

Em uma dessas ocasiões, após horas de relato do processo criativo do livro e compartilhamento de informações e da pesquisa de *O Rio antes do Rio*, me perguntaram se, enquanto escrevia, por acaso eu não senti alguma vibração, uma força, presença, algum contato com o além – quem sabe com os espíritos ancestrais, dos tupinambás? Na hora essa pergunta surpreendeu não só a mim, mas a todos os que estavam no encontro. Porque o livro é todo baseado em evidências históricas, em pesquisa de fontes, não é uma obra de ficção, um romance, um conto. Hoje eu percebo com mais clareza o porquê da minha resposta afirmativa na época. Sem pensar muito, respondi que sim, que sentia algo que queria sair, que precisava ser conhecido, contado, transmitido, que a história que ouvimos não era bem assim, que a cada descoberta que fazia enquanto escrevia nas madrugadas da Tijuca, aos pés de Jabebiracica, na clareza das ideias que surgiam, na antevisão de como prosseguir diante das dificuldades, eu sentia que algo me impulsionava, que não me fazia parar e que me conectava à minha terra, aos rios, às praias, às florestas, aos gritos dos bandos das maritacas que passavam na minha janela, na garça branca que ainda vejo pescar no Trapicheiros e às abelhas pretas que pousam em mim, mas antes eu não percebia.

Não sei se essa conexão é com os espíritos tupinambás, ou ancestrais. O que sei é que esta viagem – escrever este livro – mudou a minha percepção de mundo, da minha origem e daquilo que nos cerca aqui abaixo da linha do Equador. Era algo que queria sair porque outros queriam saber, dizer, expandir e se apropriar. Somente hoje tenho certeza do porquê da minha resposta “agnóstica” – só mesmo uma conjunção astral para transformar, nos dias atuais, um livro de história e cultura de um escritor estreando no enredo de uma das maiores e mais respeitadas escolas de samba do Rio de Janeiro.

Em junho de 2019 fui comunicado que este livro seria a inspiração do enredo do Carnaval da Portela. Eu ainda não acreditava na notícia quando, ao telefone, o presidente da aldeia Guyraguaçu do Samba dizia: “Prepare-se! Em 2020 a Águia da Portela vai cantar *O Rio antes do Rio!*”. Fisgados pelo livro e sua visão desse Rio Tupinambá, os carnavalescos Márcia e Renato Lage se inspiraram para levar a Portela à Marquês de Sapucaí com o enredo “Guajupιά, Terra sem Males”. Um belíssimo e guerreiro samba vai levar este livro para o Carnaval mais popular do nosso país.